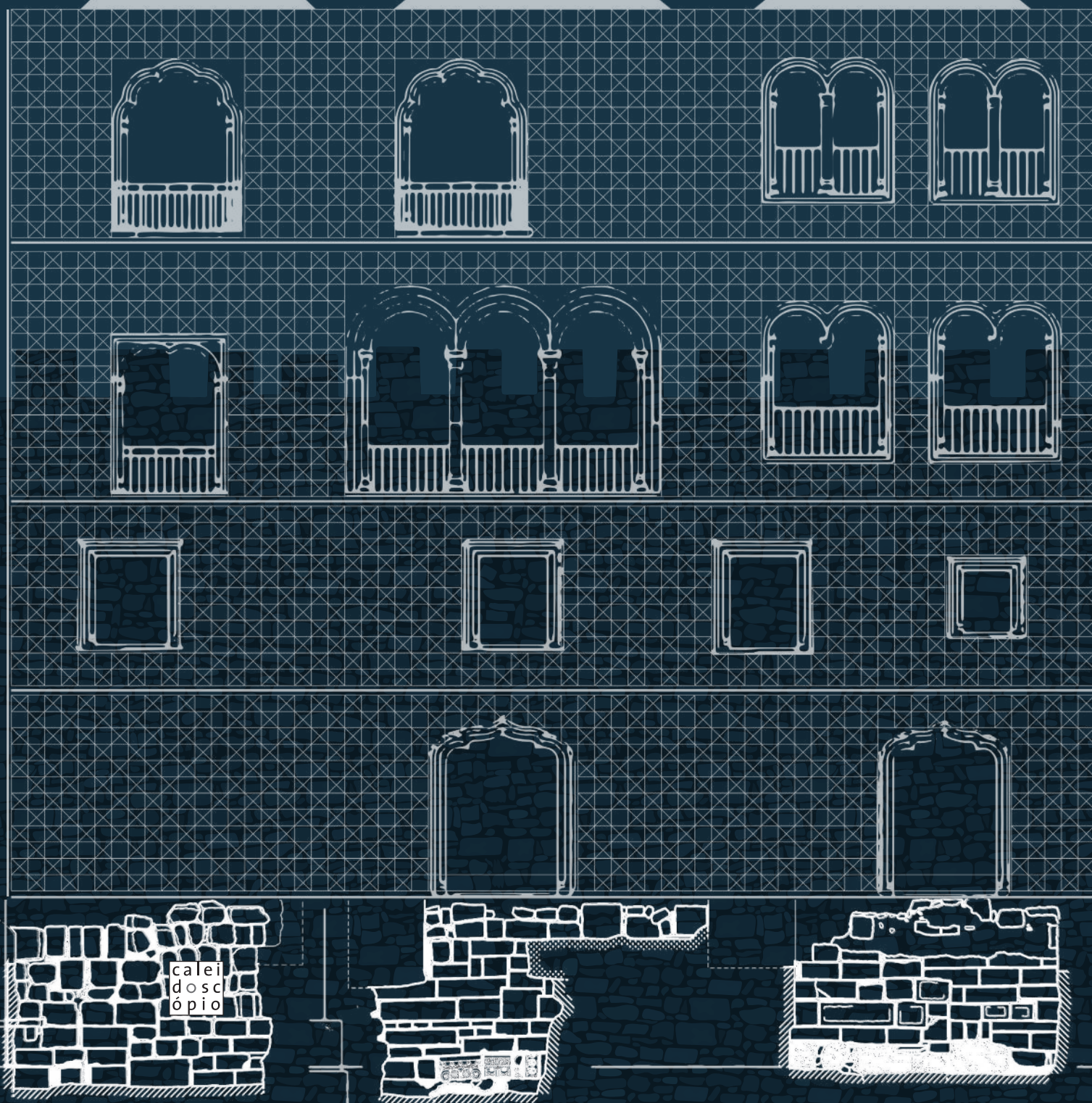


LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

A Morfologia Urbana

CARLOS FABIÃO
Coordenação Científica



Sumário

7	Apresentação	92	O abastecimento da água em <i>Olisipo</i>: dúvidas e certezas
8	Nota Introdutória		JESÚS ACERO PÉREZ
10	Introdução	102	A gestão dos resíduos na Lisboa Romana
	CARLOS FABIÃO		JESÚS ACERO PÉREZ
14	<i>Felicitas Iulia Olisipo</i>, mais do que uma cidade entre o Mediterrâneo e o Atlântico	116	Referências
	CARLOS FABIÃO	126	Lista de Autores
28	A estrutura urbana da cidade portuária		
	NUNO MOTA; PEDRO VASCO MARTINS		
46	As muralhas de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>		
	VICTOR FILIPE; MANUELA LEITÃO; VASCO LEITÃO; NUNO NETO; PAULO REBELO; RICARDO RIBEIRO		
72	Criptopórtico: arqueologia e arquitetura de um equipamento portuário		
	ANA CAESSA; NUNO MOTA; PEDRO VASCO MARTINS		



FIG. 1

Fundeadouro da atual Praça D. Luiz.

Na construção de um parque de estacionamento subterrâneo na atual Praça de D. Luiz, foi identificada uma área do antigo leito do rio, juncada de materiais de Época Romana. Esta acumulação resulta do habitual “lixo de porto”, materiais que caem durante as operações de estiva ou foram deliberadamente lançados à água, em ação de graças pelo bom êxito da viagem (créditos fotográficos: Era, Arqueologia).



***Felicitas Iulia Olisipo,* mais do que uma cidade entre o Mediterrâneo e o Atlântico**

CARLOS FABIÃO

Ao entrelaçar as influências mediterrâneas e atlânticas, consequência da posição, se deve a dualidade do território português.

(Orlando Ribeiro, 1986, p. 165)

Foi esta a principal conclusão do geógrafo Orlando Ribeiro na sua obra de referência, hoje um verdadeiro clássico do ensaísmo nacional, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, publicada pela primeira vez em 1945. Esta noção de “entrelaçamento” é fundamental, por valorizar a existência de mundos diversos, muito grosseiramente resumidos na dualidade *mediterrâneo e atlântico*, cruzados e relacionados no Ocidente da Península Ibérica. É importante sublinhar esta ideia, pois por demasiadas vezes se busca somente a presença mediterrânea neste extremo ocidental, esquecendo essa outra dimensão, que também existia interativa e dinâmica, a atlântica.

Se pensarmos neste relevante entrelaçamento, que por via marítima se fazia, perceberemos a importância desempenhada por alguns lugares, justamente os que possuíam particulares valências portuárias, de entre os quais avulta o estuário do Tejo e Lisboa como cabeça desse mesmo estuário.

É a importância estratégica do estuário do Tejo que justifica a presença perene de um lugar central no sítio de Lisboa, ao longo dos últimos três milénios, para lá das ocupações de época Pré-Histórica também aqui

identificadas. Foi esta localização que fez dos diferentes aglomerados sobrepostos ao longo do tempo em um mesmo lugar a riqueza e vitalidade de *Felicitas Iulia Olisipo*, a cidade eleita pelos romanos como principal porto da mais ocidental província do seu Império.

Esta função de grande porto de ligação entre mundos seria por si só suficiente para fazer a relevância olisiponense e, sem dúvida, foi central na sua dinâmica e prosperidade. Mas resumir a essa relevância o papel da cidade ao longo dos vários séculos da presença romana é redutor, como se procurará explicar, sem contudo esquecer a dimensão portuária, espaço de encontros e trocas, de múltiplas partidas e chegadas.

Coube nas últimas décadas a Barry Cunliffe, da Universidade de Oxford, valorizar a longa história de interações do mundo atlântico e o seu relacionamento com o mar Mediterrâneo, não na suposição de que o primeiro constituía mera remota periferia do segundo, que também o era, e disso falaremos mais adiante, mas como espaço de comunicações mais fáceis e frequentes do que durante demasiado tempo se supôs (Cunliffe, 2001; 2008; 2017). O registo arqueológico tem demonstrado a vitalidade das ligações atlânticas na distribuição para norte dos artigos mediterrâneos e na presença de bens caracteristicamente atlânticos neste mar interior.

Percebemos como o Atlântico (*Oceanus*, para os romanos) se tornou crescentemente

importante, sobretudo após a fixação da fronteira noroeste do Império na zona dos atuais Países Baixos e Alemanha (a *Germania Inferior*), e da conquista e integração da Grã-Bretanha, no Principado do Imperador Cláudio.

Um Porto entre o Atlântico e o Mediterrâneo

Pacifiquei as províncias da Gália e Hispânia, bem como a Germânia, incluindo o Oceano, de Cádiz à foz do rio Elba [...].

A minha armada navegou pelo Oceano desde a foz do Reno para leste até às costas dos Cimbrios (Península da Jutlândia, atual Dinamarca), uma zona que nenhum romano alcançara antes nem por terra nem por mar.

(RGDA, 26)

No autopanegírico que Augusto, o primeiro imperador romano, compôs, à laia de testamento político, “Os feitos do Divino Augusto” (*Res Gestæ Divi Augusti*) pode ler-se o extrato que acima se transcreve. Ali, o triunfo sobre o Oceano apresenta-se como uma das proezas, entre várias outras, de que se orgulhava o *Princeps*. O triunfo sobre o grande mar exterior era particularmente importante, na medida em que representava o efetivo domínio dos confins do mundo então conhecido e a apropriação de um território remoto e obscuro. Toda essa extensa frente atlântica passava a ser espaço romano, ganhando acrescida importância os lugares que poderiam servir de apoio às navegações para essas paragens.

Os olisiponenses estavam atentos, empenhados e envolvidos, tirando partido dessas vantagens, de que provavelmente beneficiavam de há longa data. Plínio-o-Velho, que também se fez eco da proeza de Augusto (*Nat.* 2, 167), narra um curioso episódio ocorrido

nos tempos de Tibério, quando uma embaixada olisiponense teria visitado o Imperador para lhe falar de tritões e nereidas avistados nas costas do Oceano (*Nat.* 9, 9). A narrativa de prodígios deste ocidente costeiro, poderia ser o mote da visita, mas parece credível supor que outros interesses ligados ao mar e às navegações estivessem também envolvidos no encontro, num tempo em que a cidade de *Olisipo* estaria a construir a sua muralha ribeirinha, como o registo arqueológico documentou (veja-se o texto dedicado às muralhas, no presente volume). Mas a grande mutação deve ter acontecido mais tarde, a partir do Principado de Cláudio, com a conquista da *Britannia*, no ano 43 d.C.. Veja-se o que sobre o tema escreveu o historiador romano Tácito. Diz-nos este autor, pouco simpático, por norma, para com Cláudio, que o imperador elegeu aquele território para as suas proezas militares, pois não era assolado desde os tempos de Júlio César. Tentou seguir para a *Britannia* por mar, quando o desembarque e estabelecimento das forças romanas estava já consumado, mas, as duas tentativas que empreendeu esbarraram no mau presságio de outras tantas tempestades que quase fizeram perigar a sua vida, razão pela qual acabou por seguir por terra até *Gesoriacum* (Bologne-sur-mer), cruzando a partir daí o Canal da Mancha. Uma vez regressado, teria juntado à coroa cívica uma coroa naval, no seu desfile triunfal, como prova de que domara o Oceano (*Suet.* V, 17). Independentemente do sarcasmo e indulgência suetoniana, podemos reter duas ideias: para alcançar a *Britannia* a partir do Mediterrâneo, a via normal era a marítima (aquela que Cláudio por duas vezes ensaiou, sem êxito) e exibir a glória de ter triunfado sobre o Oceano ser ainda sinal relevante no contexto da sociedade romana dos meados do século I d.C..

A partir da conquista da *Britannia*, Roma passou a dispor de amplos espaços militarizados a Norte, na fachada atlântica, que

necessitavam ser regulamente abastecidos. Antes de Cláudio, também Druso, o malogrado neto de Augusto, fora celebrado como o primeiro romano a triunfar sobre o Oceano setentrional e a estabelecer importantes instalações na foz do Reno, uma vez mais, a fazer fé no texto de Suetônio (Suet. V, 1). Como na Antiguidade a forma mais eficaz e expedita de deslocar grandes quantidades de produtos e gentes a distância era a via marítima, ganhou então particular relevância a frente atlântica da Península Ibérica, importância que se afere, por exemplo, pela instalação de faróis de sinalização, de que o mais expressivo exemplo é o farol da Corunha (no Norte da Galiza), destinados a apoiar a navegação de alto. Como é impen-sável, para tempos antigos, uma navegação direta desde o Mediterrâneo até ao Norte Atlântico, ganharam também especial relevo os pontos de apoio/escala para estas navegações, de entre eles seguramente *Felicitas Iulia Olisipo*.

Na realidade, por vicissitudes várias, não foi possível até hoje identificar as estruturas portuárias da cidade de *Olisipo*, embora o presente volume não deixe de trazer a relevante novidade de apresentar o que terá sido o grande estabelecimento termal público do porto olisiponense – veja-se o texto sobre o criptopórtico da Baixa. Mesmo sem estruturas portuárias, molhes e cais, a relevância da circulação marítima que por aqui se fazia tem sido percebida por outros meios (FIG. 1).

Por exemplo, em algumas áreas da periferia ribeirinha foram documentadas situações de acumulação de detritos típicos daquilo a que usualmente se chama “lixo portuário”, constituído por elementos caídos acidentalmente dos navios e não recuperados. Estas ocorrências estão registadas no local onde se ergue agora a nova sede da EDP ou nas atuais Praça D. Luiz, Avenida da Ribeira das Naus e Praça do Município. Os materiais estavam depositados no que seria o antigo

leito do rio junto à costa. Em todos os casos, trata-se de cerâmicas procedentes de outras regiões do Império Romano (embora haja também um significativo acervo de cerâmicas locais), de distintas cronologias, dentro do longo período do domínio romano. Pelas características dos conjuntos, podemos afirmar tratar-se de material em circulação, de partida ou de chegada, que se perdeu no decurso de operações de estiva ou que resultou de arrojamentos deliberados ao rio, por razões religiosas, como ações de graças pelo bom êxito das viagens. Parte do depósito detritico identificado no local onde se encontra hoje o Museu do Dinheiro do Banco de Portugal (objeto de comentário em um dos textos deste volume) pode resultar também de análogos processos de deposição.

Um pouco por toda a cidade, nas distintas intervenções arqueológicas realizadas, encontramos abundantes vestígios dos mais variados artigos importados de regiões próximas ou distantes, que constituem outras tantas provas da intensa atividade de circulação de mercadorias, que fazem de *Olisipo* um dos mais vibrantes pontos de encontro de produtos e de gentes vindas das mais desvairadas paragens.

Tome-se como exemplo o azeite da província da Bética (atual Andaluzia), transportado em pesadas ânforas globulares, do tipo Dressel 20, um dos artigos de grande circulação que demandava as paragens setentrionais do Império Romano. As razões deste fluxo de mercadoria prende-se, por um lado, com a ausência de azeite naquelas regiões, fora da área ecológica de expansão da oliveira; com os múltiplos usos do azeite na Antiguidade (alimentar, combustível, artigo de higiene e medicinal); finalmente, por se tratar de um artigo de distribuição oficial promovida pelo Estado. Estas ânforas têm a particularidade de exibir frequentemente marcas de fabrico impressas, o que lhes confere particular interesse no universo dos contentores

de transporte romanos. Na cidade de *Olisipo* e em outros locais do baixo vale do Tejo têm sido encontradas várias destas ânforas procedentes da atual Andaluzia com as suas marcas impressas. O seu estudo recente permitiu verificar que muitas destas marcas estão igualmente presentes nos sítios arqueológicos da atual Grã-Bretanha e da antiga província da *Germania Inferior*, constituindo assim um indicador credível do uso da via marítima, com passagem pelo estuário do Tejo, destes artigos. Contudo, outras há recolhidas em *Olisipo* que não somente estão ausentes naquelas paragens, como muito pouco representadas em outros locais, sugerindo tratar-se de pequenas produções de circulação mais limitada. Destas ocorrências se pode concluir que o porto olisiponense era de facto ponto de passagem/apoio à grande navegação dos transportes institucionais, mas também espaço de confluência de comércios de menor entidade, associados à pequena navegação de cabotagem, em âmbito de livre mercado.

Não temos nenhuma representação iconográfica de *Olisipo*, mas podemos supor que a existir não deveria diferir muito das imagens que conhecemos de épocas mais recentes que invariavelmente apresentam grande cópia de navios de distintos tipos e dimensões atracados ou fundeados diante da cidade. Seguramente, muitos desses navios estariam relacionados com grande ou pequena navegação, mas muitos também estariam relacionados com a intensa atividade que unia as duas margens do estuário do Tejo.

Estas são outras dimensões importantes de *Olisipo*: ser o lugar central de uma complexa economia de estuário, com múltiplos agentes envolvidos, mas ser também o centro de comunicação entre o interior da província romana da *Lusitania* e o Império. Tanto em uma ótica importadora/redistribuidora, como envolvida em ações de exportação dos artigos lusitanos.

Uma economia de estuário e um portal de comunicação com o interior

O Tejo tem de embocadura uma extensão de vinte estádios (c. 3,7 km) e uma grande profundidade, de modo que pode ser subido por cargueiros com capacidade para dez mil ânforas. Quando as marés têm lugar, forma dois estuários nas planícies que se situam para o interior, de modo que se estende como um mar por cento e cinquenta estádios (c. 27,75 km) e torna a planície navegável; no estuário superior circunda uma pequena ilha de cerca de trinta estádios (c. 5,5 km) de comprimento, e de largura um pouco aquém do comprimento, fecunda e com belas vinhas [...] com uma terra fértil em redor e com as navegações fáceis até uma distância considerável [...] O rio, por outro lado, é abundante em peixes e está repleto de bivalves.

Estrabão, *Geografia*. III, 3, 1

(tradução de Jorge Deserto e Susana da Hora Marques Pereira)

Este apontamento descritivo do baixo Tejo, composto pelo grego Estrabão em torno da viragem da Era, incluiu já algumas das valências olisiponenses que a investigação arqueológica vem confirmando, a saber, riqueza piscícola, presença de belas vinhas, facilidade da navegação interior mesmo para embarcações de grande calado. De todas estas benesses (e de outras) se fez a riqueza e prosperidade de *Olisipo*.

No subsolo da cidade de Lisboa têm sido identificadas ao longo das últimas décadas várias unidades de produção de preparados de peixe. A distribuição até ao momento conhecida destes equipamentos estende-se por uma ampla área desde o local onde se ergue a Casa dos Bicos (a Este) até aos primeiros quarteirões (contando da Praça do Rossio) da atual Baixa Pombalina. Praticamente, não há intervenção



FIG. 2

Cetariae conservadas no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC) – Fundação Millennium BCP.

Por toda a zona da atual Baixa e zona ribeirinha, encontramos edifícios com grandes tanques (*cetariae*) destinados a produção de preparados de peixe, uma relevante atividade económica da cidade romana (créditos fotográficos: Fundação Millennium BCP | NARC).

arqueológica realizada no âmbito da reabilitação urbana que não identifique novas unidades nesta extensa área, sublinhando a relevância desta atividade económica olisiponense. Os conhecimentos atuais não permitem ainda perceber como se estruturava esta atividade, se sob a forma de um verdadeiro subúrbio “industrial”, como alguns sugerem, com base em paralelos como o proporcionado pela cidade de *Lixus*, no Norte de África, província da *Mauritania Tingitana* (atual Marrocos), se verdadeiramente “embebida” no tecido urbano, como sucede também em outros casos conhecidos, como *Baelo Claudia*, na província da *Bætica* (atual Andaluzia). Certo é que esta atividade fazia de *Olisipo* uma verdadeira cidade produtora, na aceção

dada pelo sociólogo Max Weber – deste tema se ocupará um outro volume desta coleção (FIG. 2).

As unidades de produção correspondem a um padrão comum: edifícios que albergam um conjunto de tanques (*cetariae*) revestidos por argamassa, uma espécie de *opus signinum* (argamassa de cal com inertes que, em lugar de utilizar cerâmica triturada na sua composição, como o típico *signinum*, usa brita calcária como inerte), organizados em torno de pátios de circulação. A existência de restos de paredes separadoras sugere que se trataria de vários complexos de pequena/média dimensão e não propriamente de grandes complexos. Nada sabemos sobre os proprietários destas unidades de produção e

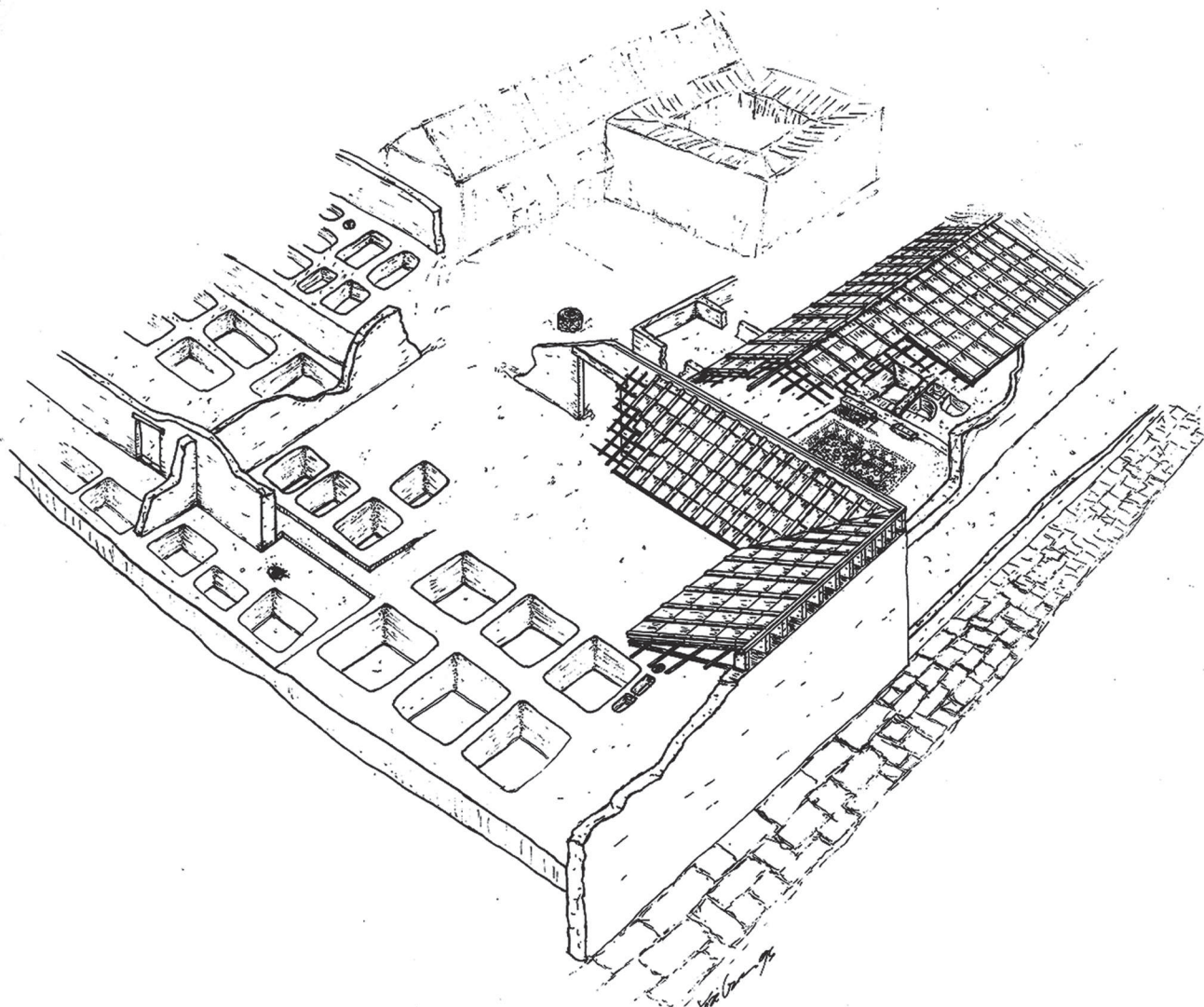


FIG. 3

Reconstituição das estruturas romanas conservadas no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC) – Fundação Millennium BCP. Vários edifícios consagrados à produção de preparados de peixe, com um pequeno edifício termal associado e uma das vias, de orientação Nascente-Poente (*decumanus*) da cidade romana (© Clementino Amaro/António José Cruz | IPPAR, atual DGPC).

pouco conhecemos do seu regime de laboração, menos ainda da natureza da mão-de-obra utilizada.

O estudo realizado sobre os restos de ictiofaunas (espinhas de peixes) conservados no interior de alguns tanques, indicadores da natureza do produto ali processado nas últimas fases de laboração, apontam para o fabrico de um condimento de peixe à base de sardinhas e sal, com o eventual recurso a algumas ervas aromáticas, mais difíceis de identificar. O conhecimento que temos sobre estes produtos é bastante limitado, uma vez que conhecemos sobretudo o das últimas fases de laboração destes complexos, em um

período situável em torno ao século IV-V d.C., por óbvias razões, visto tratar-se do remanescente da última etapa de atividade. Atendendo a que seguramente vários destes complexos iniciaram a produção no século I d.C., podemos entender o quanto nos falta ainda conhecer sobre os alimentos produzidos nas *cetariæ* (FIG. 3).

Certo é que o produto desta atividade se destinava à exportação, para territórios próximos e longínquos, visto ser imensa a capacidade instalada – aferível pelo volume das diversas *cetariæ* que têm sido identificadas –, muito superior às necessidades imediatas locais. A exportação do produto final fazia-se



FIG. 4

Ânforas fabricadas no estuário do Tejo, conservadas no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC) – Fundação Millennium BCP. As ânforas fabricadas em olarias da margem esquerda do Tejo eram usadas para transportar os preparados de peixe aqui produzidos (créditos fotográficos: Fundação Millennium BCP | NARC).

em recipientes cerâmicos (ânforas), fabricadas em olarias situadas na margem esquerda do estuário do Tejo, junto do rio, nomeadamente Quinta do Rouxinol (Seixal), Herdade do Rio Frio (Palmela), Porto dos Cacos (Alcochete), Garrocheira (Benavente) e seguramente em outras olarias de localização desconhecida. Ao longo dos últimos anos, um vasto programa de análise da composição da cerâmica fabricada no baixo Tejo permitiu obter um verdadeiro “bilhete de identidade” químico de cada uma destas olarias, razão pela qual se conhecem bem as produções de cada uma delas e se conhecem também outras produções que não conseguimos associar a nenhuma das olarias conhecidas. Toda esta atividade decorreu com relativa continuidade, apesar de algumas crises pontuais, ao longo de todo o período romano,

desde o século I ao V ou talvez mesmo até épocas posteriores.

O estudo morfológico e tipológico das ânforas utilizadas no transporte destes preparados de peixe permite ir conhecendo a sua área de dispersão: em cada sítio arqueológico em que se encontram ânforas procedentes da Lusitânia, podemos inferir a existência de lugares de importação e de redistribuição destes produtos e, por isso mesmo, sabemos que se destinaram quer a mercados distantes, quer a outros mais próximos. Por se tratar literalmente de uma “tara perdida”, massivamente utilizada para o envase dos preparados de peixe, estão também documentados em grandes quantidades na própria cidade de *Olisipo*, não constituindo esta ocorrência necessariamente um indício de consumo local (FIG. 4).

Considerando estes dados, vejamos o que nos dizem sobre a economia do estuário do Tejo. A existência de uma atividade de produção de preparados de peixe em *Felicitas Iulia Olisipo* representa seguramente a existência de frota pesqueira, que alimentava a produção e, não devemos esquecer a possibilidade de implicar também a existência de construção e reparação naval, mesmo se somente de pequenas embarcações, fabrico de redes e outros aprestos de pesca, produção de sal marinho, certamente por evaporação, em salinas, para além da produção oleira dos contentores utilizados para o transporte do produto final. Ou seja, um conjunto de atividades complementares, distribuídas por todo o estuário, que teriam na cidade o seu núcleo central.

Das salinas, pouco sabemos, provavelmente, por estarem instaladas nos lugares onde historicamente se continuou a produzir sal até aos nossos dias. Não sabemos também quem seriam os seus proprietários e em que regime poderiam laborar. A informação histórica e etnográfica que temos para outras épocas, diz-nos que a atividade dos “marnoteiros”, os trabalhadores das salinas, está mais ligada ao mundo rural do que à pesca e ao mar. Não seria fácil conciliar ambas atividades, uma vez que os períodos de maior intensidade são coincidentes.

Das olarias, sabemos que não trabalhavam somente no fabrico de ânforas para preparados de peixe. Em todas as olarias até à data conhecidas, regista-se o fabrico de outras cerâmicas utilitárias e inclusivamente de ânforas para o transporte de vinho, porque a zona do estuário do Tejo foi também produtora e exportadora de vinhos, sobretudo, a partir do século II d.C., embora já o relato de Estrabão mencionasse a presença de vinhas no estuário do

Tejo. Este dado é relevante porque desvincula de algum modo a atividade oleira da de produção dos preparados de peixe, uma observação confirmada pela análise composicional das ânforas que têm sido encontradas nas unidades de produção dos preparados de peixe, registando diversidade de olarias no abastecimento a cada uma das unidades. Esta observação suscitou a hipótese de existir em todo este processo a intervenção de intermediários que se encarregariam de fornecer os contentores aos diferentes centros produtores. Gente que adquiriria as ânforas às diferentes olarias e se encarregaria de as fornecer a pedido, assim se podendo justificar a diversidade de origem das ânforas registada em cada complexo de *cetariæ*. Embora seja praticamente indemonstrável, podemos supor que o mesmo regime existira na distribuição do sal, intermediários que se encarregariam de o obter e distribuir pelas diferentes unidades de produção. Em qualquer dos casos, cerâmicas e sal constituíam necessidades básicas das populações, para os mais diversos fins, pelo que distribuidores de um e outros artigos trabalhariam em registo amplo, servindo múltiplas atividades (FIG. 5).

A imagem que assim obtemos do estuário do Tejo em Época Romana é, em primeiro lugar, de uma região densamente povoada, onde distintas atividades complementares se desenrolam: atividades navais, relacionadas com a pesca, a produção e reparação de aprestos marítimos e até mesmo de embarcações, extração de sal, em salinas, localizadas em zonas recuadas do estuário, provavelmente, nos mesmo locais onde estiveram em outras épocas históricas, e uma intensa atividade de produção de produtos piscícolas que incluía os condimentos, o peixe salgado e até o peixe

FIG. 5

Um dos fornos cerâmicos da olaria da Quinta do Rouxinol (Seixal).

Dos fornos da olaria romana da Quinta do Rouxinol saíam ânforas usadas no transporte dos preparados de peixe olisiponenses, mas também outras cerâmicas utilitárias

(créditos fotográficos: Centro de Arqueologia de Almada/Ecomuseu Municipal do Seixal, 1990).



seco e fumado, duas formas de conservação para consumo diferido, que eram conhecidas na Antiguidade, mas que são muito difíceis de identificar no registo arqueológico. Sublinhe-se que esta atividade de produção de preparados piscícolas não se confinava ao âmbito urbano: conhecemos *cetariæ* em Cacilhas e Porto Brandão, na margem esquerda do Tejo, em Belém e em Cascais, na margem direita e na frente atlântica. Não restam grandes dúvidas que, para além dos casos conhecidos, outros existirão que ainda não foram identificados, provavelmente, algumas das linhas de água que desaguavam no estuário teria um complexo de produção de preparados de peixe associado. Pelo meio destas atividades, intermediários encarregar-se-iam de garantir que não faltaria o sal e a cerâmica a quem de ambos precisasse.

Como se referiu, parece ter havido também nas olarias a produção de ânforas utilizadas para transporte de vinho. Assim, para além das atividades marítimas largamente registadas pela investigação arqueológica, deveremos acrescentar aos produtos distribuídos a partir da cidade de *Olisipo* este artigo produzido no seu território rural. Não surpreende que assim fosse, uma vez que a península de Lisboa constitui uma das áreas de melhor potencial agrícola do atual território português. O estabelecimento de uma agricultura de modelo romano na região, que está documentada pelo menos desde os inícios do século I d.C. (como se verá em um outro volume desta coleção), poderia ter gerado consideráveis excedentes alimentares que, para além de satisfazerem as necessidades da região, poderiam ser objeto de exportação. A grande quantidade destas ânforas vinárias documentadas em Lisboa atesta não somente o que poderia ser um abundante consumo local, mas também um claro documento da sua exportação.

A distribuição conhecida das ânforas lusitanas (nem todas associadas ao estuário do

Tejo, sublinhe-se) demonstra como as facilidades de navegação rio acima foram amplamente utilizadas. Complementavam esta valência uma rede de estradas que estabeleciam comunicação com vários centros do interior, com particular destaque para a capital provincial *Augusta Emerita* (atual cidade de Mérida, Espanha), que teria em *Olisipo* o seu principal porto marítimo. Podemos dizer que terão entrado por aqui boa parte dos artigos exóticos encontrados na capital provincial. Mas por aqui se subia também para uma outra importante cidade romana, *Scallabis* (Santarém), que tal como a capital provincial foi colónia de cidadãos romanos.

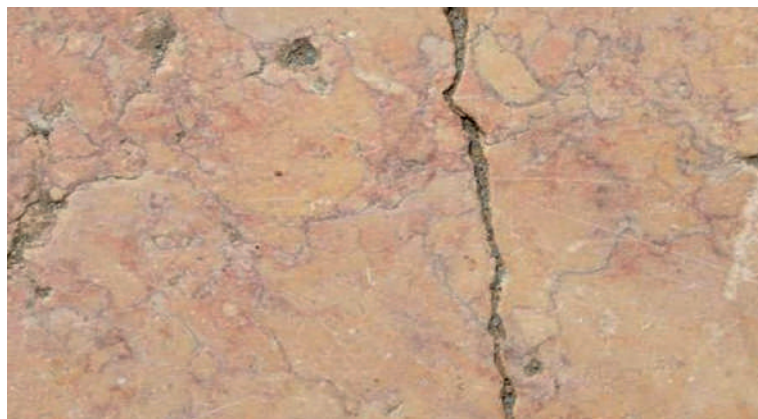
Mas se a presença de ânforas procedentes do litoral lusitano em Mérida documenta o que subiu o rio e pelas vias circulou até à capital da província, não devemos esquecer que este movimento foi bastante mais rico e complexo. Na sua obra enciclopédica, Plínio-o-Velho menciona as afamadas azeitonas emeritenses (*Nat.* 15, 17). Recentemente, foi identificada uma produção de ânforas na área urbana de Mérida, que bem poderão ter sido utilizadas no seu transporte. O que interessa aqui sublinhar é o facto de serem afamadas no mundo romano do século I estas azeitonas, o que significa que seriam exportadas para diversas regiões, sendo naturalmente o porto olisiponense o lugar natural de exportação. Era pois um movimento de sentido duplo que unia o porto de *Olisipo* e a capital da província. Esta última não era somente recetora seria também exportadora e as azeitonas são somente um dos exemplos.

No território olisiponense exploraram-se também outros recursos, como as granadas das minas do Suímo, perto de Belas, o “carbúnculo” de que fala Plínio-o-Velho (*Nat.* 37, 97) ou as rochas ornamentais, o chamado calcário lioz, da região de Sintra. A sua exploração e uso terá começado em Época Romana, uma vez que não se documenta o seu uso como rocha ornamental em tempos pré-romanos.





MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



TEATRO DE MÉRIDA - MUSEO NACIONAL DE ARTE ROMANO

FIG. 6

Calcário de rodistas (“lioz”) da região de Sintra usada como rocha ornamental: teatro de *Olisipo* e teatro de *Augusta Emerita*. Os calcários da zona de Sintra, usualmente designado lioz, foram usados em Época Romana com múltiplas funções. Aqui vemos dois casos, o revestimento do *proscænio* do teatro de *Olisipo* e o *opus sectile* do pavimento da *orchestra* do teatro da capital provincial *Augusta Emerita* (créditos fotográficos: © José Avelar, Museu de Lisboa/EGEAC, 2007; Museo Nacional de Arte Romano; Mañas Romero, 2008, fig. 5-A).

A sua primeira utilização massiva datada é a ornamentação do teatro olisiponense empreendida na primeira metade do século I, no Principado de Nero. Revestia o proscénio, mas era também usado na decoração de *opus sectile* (composição ornamental realizada com pequenas placas laminadas, de cores distintas, formando padrões) do pavimento da *orchestra* do edifício lúdico. Nada mais natural que o uso de uma rocha ornamental local nas decorações dos edifícios públicos da cidade romana. Contudo, o lioz está presente também na decoração de *opus sectile* do teatro emeritense. Não era somente para os monumentos locais que esta rocha era usada, seguia também para outras paragens, como a capital provincial, atestando a variedade de recursos explorados e exportados, os desvairados comércios que pelo porto de *Olisipo* se faziam. Tenha-se em consideração que o lioz extraído das pedreiras sintrenses teria de ser transportado ao estuário do Tejo, para ornamentação da cidade, mas também para daqui partir para outras paragens (FIG. 6).

Seguramente a partir de *Olisipo* se coordenaria uma parte da atividade de extração aurífera do rio Tejo, o *aurifer Tagus*, cantado por poetas e referenciado por geógrafos. Este Tejo aurífero era naturalmente toda a vasta bacia hidrográfica até território hoje espanhol, estando profundamente inscritas na paisagem as cicatrizes da exploração das aluviões taganas. Contudo, esta atividade estendia-se até ao estuário, concretamente, à sua margem sul. Sabemos que em épocas históricas mais recentes a exploração aurífera ali se fazia, sirvam de testemunho a toponímia (*Almada*, *al madan*, a mina, em árabe) ou o registo das minas da Adiça que alimentaram a casa da moeda do reino de Portugal em Época Medieval e Moderna. Uma vez mais, a arqueologia tem registado estas ocorrências, de que o complexo de Vale de Gatos (Seixal) constitui exemplo. Pela proximidade física, caberia por certo a olisiponenses a

responsabilidade de promover os trabalhos e, certamente, deles receberiam proventos.

Com uma extraordinária localização estratégica, plataforma de entrelaçamentos, Mediterrâneo/Atlântico, Litoral/Interior; cabeça de um território de múltiplos e variados recursos, *Felicitas Iulia Olisipo* não deixava de ser uma cidade no fim do mundo e disso todos tinham perfeita noção. Mas estar na *finis terræ*, nos confins do mundo, não é forçosamente sinónimo de ser periferia extrema. Pode mesmo ser uma referência emblemática.

Uma cidade nos confins do mundo (*finis terræ*)

*...entra pelo mar dentro, com uma extensa
ponta, um promontório que alguns
chamaram Ártabro, outros Magno e muitos,
por causa do ópido, Olisiponense e que
separa as terras, os mares e o céu.*

Plínio-o-Velho, *História Natural*, 4, 113
(tradução de Amílcar Guerra)

Os romanos sabiam onde se encontrava o ponto mais ocidental da Europa, para eles o fim do mundo: o promontório magno ou olisiponense, por se encontrar esse confim no território da cidade.

Este *finis terræ* possuía uma relevante função simbólica e, na foz da ribeira de Colares, junto do Cabo da Roca, nasceu um santuário consagrado ao culto do Sol, do Oceano e da Lua, justamente os elementos que assinalavam esse limite. O santuário estava descrito mesmo com algum detalhe desde o século XVI, designadamente por Francisco de Holanda (Holanda, 1571 [1984]: fl. 24vº e 25rº; p. 31). Contudo, quer por o seu texto (ilustrado) ter permanecido em manuscrito, sem publicação moderna, quer pela desconfiança que a moderna investigação frequentemente manifesta em relação a estas

narrativas de Humanistas, ficou longamente esquecido, para não dizer ignorado.

Investigações recentes lograram identificar o lugar de culto e, mais importante, alguns dos monumentos votivos ali erguidos. Os trabalhos ainda decorrem e, provavelmente, decorrerão por vários anos mais, mas é já possível afirmar que ali se cultuou o Sol, o Oceano e a Lua, invocações muito adequadas a um lugar onde céu, terra e oceano se separaram. O santuário parece ter sido fundado logo nos primórdios da presença romana na região, tendo conhecido relevante popularidade durante os séculos II e III.

O mais interessante da informação fornecida pelas dedicatórias até agora recolhidas prende-se com o estatuto dos dedicantes, gente associada ao exercício de cargos públicos de âmbito provincial. Ou seja, independentemente das devoções que ali se pudessem manifestar, o santuário tinha uma dimensão de culto oficial, lugar de romagem de representantes do poder de Roma – toda a informação disponível em Ribeiro, 2019.

Estes dados, verdadeiramente extraordinários, sublinham que afinal a condição de *finis terræ*, de confins do mundo, mais do que uma condenação ao ostracismo e à longínqua distância, constituía uma referência cultural obrigatória, um verdadeiro marco para o poder romano. Enquanto os altos dignatários

consagravam altares ao Sol, ao Oceano e à Lua, nos confins do mundo conhecido, passavam ao largo os navios que transportavam os produtos mediterrâneos para a distante fronteira norte (atlântica) do Império.

O porto de *Olisipo* como ponto de escala, lugar central de receção e redistribuição, o promontório olisiponense como referência fundamental da mundividência romana. O convívio secular destas duas realidades alerta-nos para a necessidade de tentarmos perceber a Antiguidade como os antigos a percebiam e a não misturar conceitos e ideias que parecendo antagónicas, provavelmente o não eram.

Por tudo o que ficou exposto, se poderá dizer que o estuário do Tejo, com *Felicitas Iulia Olisipo* como lugar central, constituía sem dúvida um relevante polo de entrelaçamento de Mediterrâneo e Atlântico, ponto de passagem vital entre o Noroeste do Império Romano e o seu centro político. Contudo, percebemos também que era o porto mais relevante da *Lusitania*, que servia a capital provincial e muitas outras cidades e regiões interiores, sendo lugar central de uma rica e complexa economia de estuário. Era também a cidade mais ocidental, instalada nos confins do mundo, não como condenação, mas como poderosa afirmação.

Referências

Fontes Manuscritas

- _____. 1773 — *Memórias do Reinado de El rey Dom José*. MC/RES. 0144. Museu de Lisboa.
- _____. 1773 — *Planta dos subterraneos que se acharão abrindo-se o cano da Rua Argentea da cidade de Lisboa no mês de Maio de 1773 oferecida ao Exm^o Sr. Bispo de Beja e tomada no dia 2 de Junho de 1773*. Plantas Arquetónicas, Assuntos Portugueses, Pasta I, Plantas 1 a 4. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.
- Andrade, F. M. de (1859) — *Memória acerca d' uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escrupulosamente sobre os próprios sítios, com a medição correspondente*. Coleção de Reservados, COD. 7619. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Bem, D. T. C. (1790) — *Thermas ou Banhos Cassianos e outros monumentos romanos modernamente descobertos na cidade de Lisboa*. Coleção de Reservados, COD. 104. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Freitas, J. V. de (1859) — *Desenhos a que se refere a memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa e a Memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escrupulosamente sobre os próprios sítios com medição correspondente*. Coleção de Iconografia, DES. A 8, cota antiga: Ms. II, n.º 162 a, I a VI. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- São Lourenço, F. J. de (1780) — *Monumenta Selecta*. Coleção de Reservados, COD. Alcobaça, n.º 395. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Lívio, T. (1993) — *Tito Lívio: História de Roma Ab Vrbe Condita – Livro 1*. Introdução, tradução e notas de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Inquérito.
- Plínio-o-Velho (1995) — In Guerra, A. — *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.
- Res Gestæ Divi Augusti* (2007) — In Eck, W. — *The Age of Augustus*. Tradução de Sarolta A. Takács. Londres: Blackwell Publishing.
- Suetónio (1979) — *Suetónio: Os Doze Césares*. Tradução e notas de João Gaspar Simões, 3.ª ed.. Lisboa: Presença.
- Vitrúvio (2000) — *Marco Lucio Vitruvio Polión: Los diez libros de Arquitectura*. Tradução de José Luis Oliver Domingo. 2.ª Edição. Madrid: Alianza Editorial.

Estudos

- Acero, J. (2018) — *La gestión de los residuos en Augusta Emerita: Siglos I a.C-VII d.C.*. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LXXXII). Madrid: CSIC.
- Adam, J.-P. (1996) — *La construcción Romana: materiales y técnicas*. Leon: Editorial de los Oficios.
- Alarcão, J. (1988a) — *Roman Portugal*. II. Wiltshire/Westminster: Aries & Phillips.
- Alarcão, J. de (1988b) — *O domínio romano em Portugal*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- Alarcão, J. de (1994) — *Lisboa Romana e Visigótica*. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 58-63.
- Alarcão, J. de (2017) — *A Lusitânia e a Galécia: Do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Alarcão, J.; Étienne, R. (1977) — *Fouilles de Conimbriga. I. L'architecture*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Almeida, D. F. (1962) — *Arte Visigótica em Portugal. O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série II. 4, p. 5-278.
- Almeida, D. F. de (1969) — *Sobre a barragem romana de Olisipo e seu aqueduto. O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série III. 3, p. 179-190.
- Almeida, D. F. (1973) — *As chamadas termas romanas da Rua da Prata. Monumentos e Edifícios Notáveis do distrito de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa. 1, p. 79-80.
- Almeida, I. M. de (2004) — *Caracterização geológica do Esteiro da Baixa. Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 21, p. 152-157.

Fontes Impressas

- Azevedo, L. M. de (1652) — *Primeira parte da fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, e seus varoens illustres em sanctidade, armas, & letras: catalogo de seus prelados, e mais cousas ecclesiasticas, & politicas ate o anno 1147, em que foi ganhada aos Mouros por El Rey D. Afonso Henriquez*. Lisboa: Officina Craesbeckiana.
- Estrabão (2016) — *Estrabão: Geografia. Livro III*. Introdução, tradução do grego e notas de Jorge Deserto e Susana da Hora Marques Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Holanda, F. de (1571 [1984]) — *De fábrica que falece à cidade de Lisboa*. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte.

- Amaro, C. (1982) — Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos. 6, p. 96-111.
- Amaro, C. (1995) — Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. In Gurt, J. M.; Tena, N., eds. — *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica/IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispànica (Lisboa, 1992)*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans/Universitat de Barcelona/Universidade Nova de Lisboa, p. 337-342.
- Amaro, C. (2002) — Percorso Arqueológico através da Casa dos Bicos. *De Olisipo a Lisboa. A Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 11-27.
- Amaro, C.; Manso, C. R.; Sepúlveda, E. (2013) — Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa: sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 755-763.
- Andrade, F. M. ([1859] 1963) — Memória acerca dos banhos da Rua dos Fanqueiros em Lisboa (Termas Romanas). In Serpa, E., ed. — *Boletim da Sociedade Portuguesa de Espeleologia*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Espeleologia. 2.^a Série. 6. I-1. 2.^o Semestre, p. 39-62.
- Arce, J. (2005) — Spain and the African Provinces in the Late Antiquity. In Bowes, K.; Kulikowski, M., eds. — *Hispania in Late Antiquity: Current Perspectives*. Brill Academic: Leiden/Boston, p. 341-361.
- Arce, J. (2009) — *El último siglo de la España romana: 284-409*. Edición actualizada y aumentada. Madrid: Alianza Editorial.
- Arce, J. (2011) — Horrea y aprovisionamento en Hispania (SS. IV-V). In Arce, J.; Goffaux, B., eds. — *Horrea d'Hispaniae et de la Méditerranée Romaine*. Madrid: Casa de Velásquez. 125, p. 287-297.
- Arce, J. (2017) — *Bárbaros y romanos en Hispania (400-507 A.D.)*. 3.^a Edição. Madrid: Marcial Pons Historia.
- Arruda, A. M. (2002) — *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6). Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2017) — A Idade do Ferro Orientalizante no vale do Tejo: as duas margens de um mesmo rio. In Celestino Pérez, S.; Rodríguez González, E., eds. — *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica. Mérida (Badajoz), 3-4 de Diciembre de 2015* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LXXX). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, p. 283-294.
- Azevedo, P. A. de (1899/1900) — Do Areeiro à Mouraria: topografia histórica de Lisboa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série I. V, p. 212-224.
- Balanza, M.; Page, M.; Celdrán, J. (2015) — Las termas del Puerto de Carthago Nova: un complejo augusteo de larga perduración. In López Vilar, J., ed. — *Tarraco Biennal. 2^{on} Congrés Internacional d'Arqueologia i Món Antic: August i les províncies occidentals 2000 aniversari de la mort d'August. Tarragona, 26-29 de Novembre de 2014*. Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana. 2, p. 15-22.
- Barros, A. A. S. (2014) — Os canos na drenagem da rede de saneamento da cidade de Lisboa antes do terramoto de 1755. *Cadernos do Arquivo Municipal*. [Em linha]. 2.^a Série. 1, p. 65-85. [Consult. 16 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fo-tos/editor2/Cadernos/num1/artigo04.pdf>).
- Bernal, D. (2005) — *Aquæ et Cetariæ* en Roma. Evidencias arqueológicas del suministro hídrico a las factorías salazoneras de la Bética. In López-Geta, J. A.; Rubio Campos, J. C.; Martín-Machuca, M., eds. — *VI Simposio del Agua en Andalucía (Sevilla, 2005)*. Madrid: Instituto Geológico y Minero de España. I, p. 1415-1432.
- Bernal, D.; Arévalo, A.; Díaz, J. J.; Lagóstena, J.; Vargas, J. M.; Lara, M.; Moreno, E.; Sáez, A. M.; Bustamante, M.; Expósito, J. A.; Muñoz, A. (2013) — Las Termas y el *Suburbium* Marítimo de Baelo Claudia. Avance de um recente descubrimiento. *Revista Onoba: revista de arqueología y antigüedad*. Huelva: Universidad de Huelva. 1, p. 115-152.
- Bernal, D.; Vargas, J. M. (2019) — El *Testaccio* haliéutico de Gades. In Bernal, D.; Vargas, J. M.; Lara, M., eds. — *7 metros de la historia de Cádiz... Arqueología en El Olivillo y en el Colegio Mayor Universitario*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 237-327.
- Blot, M. L. B. H. P. (2003) — *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal* (Trabalhos de Arqueologia; 28). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bouet, A. (2000) — Les modèles thermaux et leur diffusion en Gaule. In Fernández Ochoa, C.; García Entero, V., eds. — *II Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón: Termas romanas en el Occidente del Imperio. Gijón, 1999* (Serie Patrimonio; 5). Gijón: VTP Editorial, p. 35-46.
- Bouet, A.; Saragoza, F. (2007) — *AMCENTAS URBIUM* et Évergétisme de l'eau: la Fontaine monumentale des thermes de Cluny à Lutèce. *Revue Archéologique*. Paris: Presses Universitaires de France. 1: 43, p. 3-64.
- Brassous, L. (2011) — Les enceintes urbaines tardives de la Péninsule Ibérique. In Schatzmann R.; Martin-Kilcher S., dirs. — *L'Empire romain en mutation: Répercussions sur les villes romaines dans la deuxième moitié du 3^e siècle*. Montagnac: Éditions Mergoïl, p. 275-299.
- Bugalhão, J. (2001) — *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo: Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) – Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 16, p. 243-275.
- Bugalhão, J.; Nunes, A.; Gomes, A. S.; Grilo, C.; Fernandes, L.; Fernandes, I.; Cachão, M.; Costa, A. M.; Freitas, M. da C.; Gabriel, S.; Currás, A. (no prelo) – Mosaico romano do NARC, Lisboa: estrutura construtiva, materiais e estratigrafia. *II Encontro de Arqueologia de Lisboa (22-24 de Março de 2018)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Bugalhão, J.; Teixeira, A. (2015) – Os canos da Baixa de Lisboa no século XVI: leitura arqueológica. *Cadernos do Arquivo Municipal*. [Em linha]. 2.^a Série. 4, p. 89-122. [Consult. 16 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/4/4_art4.pdf).
- Bustamante Álvarez, M.; Heras Mora, F. J. (2013) – Producción anfórica en *Augusta Emerita* (Mérida, Badajoz) y los nuevos hallazgos del solar de la Escuela de Hostelería. In Bernal, D.; Juan, L. C.; Bustamante, M.; Díaz, J. J.; Sáez, A. M., eds. – *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania* (Monografías Ex Officina Hispana; 1). Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 331-345.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B. S.; Carvalho, L. M. de; Lourenço, M. (2017) – O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal: O estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1243-1254.
- Caessa, A.; Nozes, C.; Mota, N. (2018) – Uma mesquita no arrabalde Ocidental de *al-Usbuna*. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M. da; Prata, S., eds. – *III Jornadas Internacionais de Idade Média: espaços e poderes na Europa Urbana Medieval. Castelo de Vide, 5 a 7 de Outubro de 2017* (Estudos; 18). Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide/Instituto de Estudos Medievais, p. 521-535.
- Campos, J. A. C. de (1985) – A propósito das muralhas antigas de Lisboa. *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. XXXVI, p. 1-82.
- Cardoso, J. L.; Guerra, A.; Fabião, C. (2011) – Alguns aspectos da mineração romana na Estremadura e Alto Alentejo. In Cardoso, J. L.; Almagro-Gorbea, M., eds. – *Lucius Cornelius Bocchus Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina (Archaeologia Hispanica; 1/ Bibliotheca Archaeologica Hispana; 37)*. Lisboa/Madrid: Academia Portuguesa da História/Real Academia de la Historia, p. 169-188.
- Carreras, C.; Morais, R., eds. (2010) – *The Western Roman Atlantic Façade: A Study of the Economy and Trade in the Mar Exterior from the Republic to the Principate* (BAR International Series; 2162). Oxford: Archeopress.
- Carvalhinhos, M.; Mota, N.; Miranda, P. (2017) – Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço Oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação. Lisboa, 26-28 de Novembro de 2015*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 298-337.
- Carvalho, P. C.; Matias, D. C.; Almeida, A. P. R.; Ribeiro, C. A.; Santos, F. P.; Silva, R. C. (2010) – Caminhando em redor do *forum* de *Aeminium* (Coimbra, Portugal). In Nogales Basarrate, T., ed. – *Ciudad y foro en Lusitania Romana/ Cidade e foro na Lusitânia Romana (Studia Lusitana; 4)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 69-88.
- Carvalho, P. S. de; Cheney, A. (2007) – A muralha romana de Viseu. A descoberta arqueológica. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. – *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 729-745.
- Casimiro, S.; Silva, R. B. da (2013) – Enterramentos infantis tardo-antigos na Rua de São Nicolau. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 859-863.
- Castelo-Branco, F. (1980) – *Breve história da Olisipografia* (Biblioteca Breve; 47). 2.^a Edição. Venda Nova-Amadora: Livraria Bertrand.
- Castilho, J. de ([1884] 1935) – *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*. I. 2.^a Edição. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa.
- CIL II = Hubner (1869) e Hubner (1892).
- Croix, R. P. C. (1878) – *Découverte des themes romains de Poitiers*. Tours: Imprimerie Paulk Bouserez.
- Cunliffe, B. (2001) – *Facing the Ocean: The Atlantic and Its People. 8000 BC to AD 1500*. Oxford: Oxford University Press.
- Cunliffe, B. (2008) – *Europe between the Oceans: Themes and variations. 900 BC – AD 1000*. Yale/New Haven/ Londres: Yale University Press.
- Cunliffe, B. (2017) – *On the Ocean: The Mediterranean and the Atlantic from prehistory to AD 1500*. Oxford: Oxford University Press.
- De Man, A. (2011) – *Defesas urbanas tardias da Lusitânia (Studia Lusitana; 6)*. Mérida: Museu Arqueológico de Arte Romana.
- Dias, M. I.; Prudêncio, M. I.; Gouveia, M. A.; Trindade, M. J.; Marques, R.; Franco, D.; Raposo, J.; Fabião, C.; Guerra, A. (2010) – Chemical tracers of Lusitanian amphorae kilns from the Tagus estuary (Portugal). *Journal of Archeological Science*. [Em linha]. 37: 4, p. 784-798. Disponível em WWW: (URL: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0305440309004178>).

- Dias, M. I.; Trindade, M. J.; Fabião, C.; Sabrosa, A.; Bugalhão, J.; Raposo, J.; Guerra, A.; Duarte, A. L.; Prudêncio, M. I. (2012) — Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. *Actas do IX Congresso Ibérico de Arqueometria (Lisboa, 2011). Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 19. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 57-70.
- Diogo, A. M. D. (1993) — O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidad de Murcia. 2, p. 217-224.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1997) — Inscrição romana do Palácio dos Condes de Penafiel. *Ficheiro Epigráfico* (Suplemento de *Conímbriga*). Coimbra: Instituto de Arqueologia. 56, n.º 261.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1999) — Ânforas e *sigillatas* tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2: 2, p. 83-95.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) — Vestígios de uma unidade de transformação de pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, p. 181-204.
- Dupré, X.; Remolà, J. A. (2002) — A propósito de la gestión de los residuos urbanos en *Hispania*. *Romula*. Sevilla: Universidad Pablo de Olavide. 1, p. 39-56.
- Encarnação, J. (1973) — Criptopórtico romano no subsolo de Lisboa. *Jornal da Costa do Sol*. Cascais, 01-09-1073. 489, p. 4 e 6.
- Encarnação, J. D'; Leitão, M.; Leitão, V. (2015) — Inscrições de *Olisipo* identificadas na “Cerca Velha”. *Ficheiro Epigráfico* (Suplemento de *Conímbriga*). Coimbra: Instituto de Arqueologia. 131, Inscrições 548-551.
- Fabião, C. (1994) — O monumento romano da rua da Prata. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea: Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 67-69.
- Fabião, C. (2004) — Centros Oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal, D.; Lagóstena, L., eds. — *Figlinæ Bæticae. talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. *Actas del Congreso Internacional, Cádiz, 2003* (BAR International Series; 1266). Oxford: Archeopress. 1, p. 379-410.
- Fabião, C. (2006) — *A herança romana em Portugal*. Lisboa: CTT Correios de Portugal.
- Fabião, C. (2009a) — Cetárias, ânforas e sal: a exploração de recursos marinhos na Lusitânia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 17, p. 555-594.
- Fabião, C. (2009b) — O Ocidente da Península Ibérica no Século VI: sobre um *Pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património* [Em linha]. Lisboa: Era Arqueologia. 4, p. 25-50. [Consult. 14 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos/13-apontamentos-4-2009).
- Fabião, C. (2010) — Modelos forenses nas cidades da *Lusitania*: balanço e perspectiva. In Nogales Bassarrate, T., ed. — *Cidade e Foro na Lusitania Romana (Studia Lusitana; 4)*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano, p. 343-359.
- Fabião, C. (2020) — O azeite da *Bætica* na *Lusitania*: reflexão sobre o actual estado dos conhecimentos a partir das marcas sobre ânforas Dressel 20 e 23. In Revilla Calvo, V.; Aguilera Martín, A.; Pons Pujol, L.; García Sánchez, M., eds. — *Ex Bætica Romam: Homenaje a José Remesal Rodríguez* (Colleció Homenatges; 58). Barcelona: Universidad de Barcelona, p. 701-736.
- Faria, A. M. (1995) — Plínio-o-Velho e o estatuto das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. Aljustrel: Câmara Municipal. 4, p. 89-99.
- Faria, A. M. (1999) — Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2: 2, p. 29-50.
- Faria, A. M. (2001) — *Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4: 2, p. 351-362.
- Feijoo Martínez, S. (2006) — Las presas y el agua potable en época romana: dudas y certezas. In Moreno Gallo, I., coord. — *Nuevos Elementos de Ingeniería Romana. III Congreso de las Obras Públicas Romanas (Astorga, 2006)*. Salamanca: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, p. 145-166.
- Fernandes, L. (2018) — O teatro romano de Lisboa e a utilização da água como recurso decorativo de encenação de poder. In Fernandes, L., coord. — *Aqva sobre Água*. Exposição temporária. Museu de Lisboa – Teatro Romano. Lisboa: EGEAC/Museu de Lisboa – Teatro Romano, p. 24-39.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) — Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitetónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 17, p. 225-243.
- Fernandes, L.; Marques, A.; Filipe, V.; Calado, M. (2011) — A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em *Olisipo*: núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 14, p. 239-261.
- Fernández Ochoa, C. (1997) — *La muralla romana de Gijón (Asturias)*. Gijón: Electa.
- Fernández Ochoa, C.; Morillo Cerdán, A. (2002) — Entre el prestigio y la defensa: la problemática estratégico-defensiva de las murallas tardorromanas en Hispania. *Anejos de Gladius*. Madrid: Ediciones Polifemo/CSIC. 5, p. 577-589.

- Fernández Ochoa, C.; Morillo Cerdán, A. (2006) — Las puertas en las murallas urbanas en la Hispania tardorromana. In Shattner, T.; Valdéz, F., eds. — *Puertas de ciudades. Tipo arquitectónico y forma artística. Actas del coloquio en Toledo del 25 al 27 de Septiembre 2003*. Mainz/Rhein: Verlag Philipp von Zabern, p. 253-274.
- Fernández Ochoa, C.; Morillo, Á.; Salido Domínguez, J. (2011) — Ciudades amuralladas y *annonae militares* durante el Bajo Imperio en Hispania: una cuestión a debate. In Arce, J.; Goffaux, B., eds. — *Horrea d'Hispanie et de la Méditerranée romaine*. Madrid: Collection de la Casa de Velázquez, p. 265-285.
- Figueiredo, A. B. (1889) — As thermas romanas da Rua Bella da Rainha (vulgo Rua da Prata) em Lisboa. *Revista Archeologica*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias. III, p. 23-35.
- Figueiredo, C. (2014) — *Relatório de Projecto de Arqueologia Virtual para o Documentário Fundeadouro Romano em Olisipo: reconstituição de Olisipo e de um Navio Romano do tipo Corbita*. [Em linha]. [S.l.]. [Consult. 19 Nov. 2019]. Disponível em: WWW: (URL: http://www.academia.edu/16742787/Relat%C3%B3rio_de_projecto_de_Arqueologia_Virtual_para_o_document).
- Filipe, I. (2011) — *Casa do Governador da Torre de Belém: o caso de uma unidade de produção de preparados de peixe no âmbito da economia romana*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/6121>).
- Filipe, V. (2019) — *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de Doutoramento no ramo da História, especialidade Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/38619>).
- Filipe, V.; Calado, M. (2007) — Ocupação Romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termais junto da porta Nascente de Olisipo. *Al-Madan online. Adenda electrónica*. II Serie. 15, p. 55-64. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW (URL: [http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm)).
- Filipe, V.; Leitão, M. (2014) — *Edifícios na Rua S. João da Praça e Mãe de Água do Chafariz d'el Rei – Alfama, Lisboa (empreitada nº 8/2002/GLACC). Relatório Final da Intervenção Arqueológica, Outubro de 2004 – Janeiro de 2005*. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. R. (2016) — Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em Olisipo: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni, P., eds. — *Amphoræ ex Hispania: paisajes de producción y consumo. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) – Ex Officina Hispana (Tarragona, 10-13 de diciembre de 2014)* (Monografías Ex Officina Hispania; III). Tarragona: ICAC/SECAH, p. 423-455.
- Filipe, V.; Santos, R. (2017) — Um complexo termal romano na Rua da Adiça (Lisboa). In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 247-253.
- Fusco, A.; Mañas Romero, I. (2006) — *Mármoles de Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Garcia, J. M. (1974-1975) — *Lisboa romana e visigótica (Separata de Olisipo – Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, n.º 137-138)*. Lisboa: Grupo “Amigos de Lisboa”.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2007) — As Murallas de Olisipo: troço junto ao Tejo. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 685-698.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017) — Os espaços públicos de época romana dos Armazéns Sommer. In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 104-105.
- González Fernández, E.; Carreño Gascón, M.ª C. (2007) — Las puertas romanas de la muralla de Lugo: los datos arqueológicos. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 257-280.
- Grilo, C. (2018) — As águas ocultas de Olisipo. In Fernandes, L., coord. — *Aqva sobre Água*. Exposição temporária. Museu de Lisboa – Teatro Romano. Lisboa: EGEAC/Museu de Lisboa – Teatro Romano, p. 6-23.
- Grilo, C.; Fabião, C.; Bugalhão, J. (2013) — Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 849-857.
- Guerra, A. (2006) — Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de São Jorge. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 9: 2, p. 271-297.

- Hauschild, T. (1990) — Das Roemische Theater von Lissabon. Planaufnahme 1985-1988. *Madrid: Mitteilungen*. Madrid: Philipp von Zabern. 31, p. 348-392.
- Hauschild, T. (1994a) — O teatro romano de Lisboa. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 64-66.
- Hauschild, T. (1994b) — Murallas de Hispania en el contexto de las fortificaciones del área occidental del Imperio Romano. In Dupré X., coord. — *La ciutat en el món romà/ La ciudad en el mundo romano. Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica. Tarragona, 5 al 11-9-1993*. Madrid: CSIC. 1, p. 223-232.
- Heras, F. J.; Bustamante, M.; Olmedo, A. B. (2011) — El vertedero del suburbio norte de *Augusta Emerita*. Reflexión sobre la dinámica topográfica en el solar de la calle Almendralejo n.º 41. In Remolà, J.-A.; Acero, J., eds. — *La gestión de los residuos urbanos en Hispania* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LX). Mérida: CSIC, p. 345-360.
- Hourcade, D.; Doulan, C.; Laüt, L.; Rocque, G.; Sicard, S. (2011) — À l'ouest d'*Augustoritum*, du nouveau sur Cassinomagus (Chassenon, Charente). *Siècles: Cahiers du Centre d'histoire «espaces et cultures»*. [Em linha]. Université Blaise-Pascal de Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal. 33-34, p. 1-16. [Consult. 2 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://siecles.revues.org/777>).
- Hubner, E., ed. (1869) — *Inscriptiones Hispaniae Latinae (Corpus Inscriptionum Latinarum; II)*. Berlim: Academiae Litterarum Regiae Borussiae.
- Hubner, E., ed. (1892) — *Inscriptiones Hispaniae Latinae: Supplementum (Corpus Inscriptionum Latinarum; II)*. Berlim: Academiae Litterarum Regiae Borussiae.
- Lancaster, L. (2008) — Roman engineering and construction. In Oleson, J. P., ed. — *The Oxford Handbook of Engineering and Technology in the Classical World*. Oxford: University Press, p. 256-284.
- Leitão, M. (2014) — Muralhas de Lisboa. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 3, p. 66-79. [Consult. 21 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_3_issuo).
- Leitão, M.; Leitão, V. (2016) — *Pátio da Sr.ª de Murça — PSM 07 (Rua de S. João da Praça, 18). Relatório da intervenção arqueológica*. Arquivo Português de Arqueologia/ Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Lemos, F. S. (2007) — A muralha romana (Baixo Império) de *Bracara Augusta*. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. — *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: Actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 327-341.
- Le Roux, P. (2014) — *Os territórios romanos de Portugal no Alto Império/Les territoires romains du Portugal au Haut-Empire*. *Revista do Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo* (Suplemento; 19). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Macias Solé, J. M., ed. (2004) — *Les Termes Publiques de L'àrea Portuària de Tàrraco, Carrer de Saint Miquel de Tarragona* (Sèrie Documenta; 2). Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.
- Maciel, J. (1993-1994) — A propósito das chamadas conservas de água da Rua da Prata. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 32-33, p. 145-156.
- Maia, M. (1973) — Actividades da APOM. *Associação Portuguesa de Museologia — Informações*. Lisboa: APOM. 3, p. 4-8.
- Mañás Romero, I. (2008) — Canteras de Lusitania. Un análisis arqueológico. In Nogales Basarrate, T.; Beltrán Fortes, J., eds. — *Marmora hispana: explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana* (Hispania Antigua. Serie Arqueológica; 2). Roma: "L'Erma" di Bretschneider, p. 483-522.
- Mantas, V. G. (1976) — Notas acerca de três inscrições de *Olisipo*. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 15, p. 151-169.
- Mantas, V. G. S. (1990) — As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires* (Collection de la Maison de Pays Ibériques; 42). Paris: CNRS, p. 149-205.
- Mantas, V. G. S. (1999) — *Olisipo* e o Tejo. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, p. 15-41.
- Mantas, V. G. S. (2012) — A estrada romana de *Olisipo* a *Scallabis*. Traçado e vestígios. In *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 1, p. 7-23. Disponível em WWW: (URL: <https://www.cm-vfxira.pt/pages/317>).
- Maraval, P. (1997) — *Le Christianisme de Constantin à la conquête arabe* (Nouvelle Clio: l'histoire et ses problèmes). Paris: PUF.
- Marques, J. A.; Sabrosa, V.; Santos, V. (1997) — Estrato romano da Avenida Ribeira das Naus (Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 6, p. 166-167.
- Martins, F. J. R. (1909) — Lisboa subterrânea — as thermas romanas da Rua da Prata. *Ilustração Portuguesa. Jornal O Século*. Lisboa. 8, p. 481-488.
- Martins, P. V. (2014) — O Anfiteatro Romano de Lisboa: hipótese de localização através de uma leitura tipomorfológica do tecido urbano. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 4, p. 162-173. [Consult. 21 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_4_issuo).

- Mascarenhas, J. M.; Bilou, F.; Neves, N. S. (2012) – O aqueduto romano de *Olisipo*: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 43, p. 239-264.
- Miguez, J.; Sarrazola, A. (2017) – Rua de Santiago, Lisboa: tanques romanos na requalificação do edifício sito no n.º 10-14. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 70-83.
- Miró i Ailax, C. (2014) – Las Termas Marítimas de la Colonia Barcino. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Basarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. – *Actas del XVIII Congreso Internacional Arqueología Clásica: Centro y periferia en el mundo clásico*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano. I, p. 879-882.
- Moita, I. (1970) – O Teatro Romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124-125, p. 3-33.
- Moita, I. (1977) – *As termas romanas da Rua da Prata em Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I., dir. (1990) – *D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I. (1990) – O aqueduto das Águas Livres e o abastecimento de água a Lisboa. In *Catálogo da Exposição D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 9-66.
- Moita, I. (1994) – O domínio romano. In Moita, I., coord. – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte/Lisboa 94, p. 35-68.
- Moita, I.; Leite, A. C. (1986) – Recuperar *Olisipo* a partir de Lisboa: possibilidades e limitações. *I Encontro de Arqueologia Urbana. Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia; 3). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 55-67.
- Morales Gil, A. (1992) – Orígenes de los regadíos españoles: estado actual de una vieja polémica. In Gil de Olcina, A.; Morales Gil, A., eds. – *Hitos históricos de los regadíos españoles* (Estudios; 68). Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, p. 15-47.
- Moreno Gallo, I. (2016) – Roman Water Supply Systems. New Approach. In Wiplinger, G., ed. – *De aqueductu atque aqua urbium Lyciae Pamphylicae Pisidiae: The Legacy of Sextus Julius Frontinus* (BABesch Supplements; 27). Leuven: Peeters, p. 117-125.
- Morillo, A.; Fernández Ochoa, C.; Salido Domínguez, J. (2016) – *Hispania* and the Atlantic route in Roman times: new approaches to ports and trade. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 35: 3, p. 267-284.
- Mota, N.; Carvalhinhos, M.; Miranda, P. (2018) – A Cerca Velha de Lisboa da Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M. da; Prata, S., eds. – *Jornadas Internacionais de Idade Média: espaços e poderes na Europa Urbana Medieval. Castelo de Vide, 5 a 7 de Outubro de 2017* (Estudos; 18). Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide/Instituto de Estudos Medievais, p. 495-520.
- Mota, N.; Grilo, C.; Almeida, R. R. de; Filipe, V. (2016/2017) – Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de *Olisipo*. A intervenção arqueológica na Rua de São Mamede (via pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa. *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, p. 149-206. [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/cmvfx/docs/cira_5).
- Mota, N.; Martins, P. V. (2018) – Criptopórtico Romano de Lisboa: arqueologia e arquitetura de uma estrutura portuária (um esboço preliminar). In *Meios, vias e trajetos... entrar e sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 2). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Sociedade de Geografia de Lisboa, p. 78-101.
- Mota, N.; Pimenta, J.; Silva, R. B. da (2014) – Acerca da ocupação romana republicana de *Olisipo*: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento, n.ºs 68-70. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 149-177. [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvfx/docs/cira3online>).
- Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002) – Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. IIª Série. 11, p. 245-246.
- Muralha, J.; Leitão, M. (1998) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados na Praça do Município*. Processo S-11381. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ávila, R.; Gomes, A.; Alexandra, G. (no prelo) – As Muralhas de Lisboa: O exemplo dos Antigos Armazéns Sommer. In *II Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa.
- Oliveira, C. M. B. M. B. (2008) – *Memória das águas de Alfama*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. [Em linha]. Lisboa: Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Aberta. [Consult. 27 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10400.2/688>).
- Parreira, J.; Macedo, M. (2013) – O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 747-754.
- Pimenta, J. (2007) – A importação de ânforas de preparados piscícolas em *Olisipo* (Séculos II-I a.C.). In Lágostena, L.; Bernal, D.; Arévalo, A., eds. – *Actas del Congreso Internacional Cetariae. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad, Universidad de Cádiz, 7- 9 Noviembre de 2005* (BAR International Series; 1686). Oxford: Archeopress, p. 221-233.
- Pimenta, J. (2014) – Os contextos da conquista: *Olisipo* e *Decimo Jvnio Bruto*. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 44-60 [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvfx/docs/cira3online>).

- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) — Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 2, p. 313-334.
- Pimenta, J.; Gaspar, A.; Gomes, A.; Mota, N.; Miranda, P. (2014) — O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (nº 16-20) — Lisboa. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 122-148. [Consult. 18 Mar. 2016]. Disponível em WWW: (URL: <http://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).
- Pinheiro, H.; Santos, R.; Rebelo, P. (2017) — Contextos romanos identificados na Frente Ribeirinha de Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1293-1304.
- Quaresma, J. C. (no prelo) — Late contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal): Escadinhas De São Crispim. In *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard*. New Castle. 26-27th March 2014.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B.; Bettencourt, J.; Fonseca, C.; Sarrazola, A.; Carvalho, R. (2017) — As ânforas romanas da nova seda da EDP (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1305-1311.
- Quintela, A. de C.; Cardoso, J. L.; Mascarenhas, J. M. (1987) — *Aproveitamentos hidráulicos romanos a Sul do Tejo: contribuição para a sua inventariação e caracterização*. [s.l.]: Ministério do Plano e da Administração do Território.
- Ramalho, E. C.; Lourenço, M. C. (2006) — As águas de Alfama – memórias do passado da cidade de Lisboa. *Revista da Associação Portuguesa de Recursos Hídricos*. [Em linha]. 26, p. 101-112. [Consult. 27 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://repositorio.lneg.pt/bitstream/10400.9/445/1/33608.pdf>).
- Pizzo, A. (2010) — *Las técnicas constructivas de la arquitectura pública de Augusta Emerita* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LVI). Mérida: CSIC/ Instituto de Arqueología de Mérida.
- Prudêncio, M. I. (2005) — OREsT Project: late Roman pottery productions from the Lower Tejo. In Gurt i Esparraguera, J. M.; Buxeda i Garrigós, J.; Cau Ontiveros, M. A., eds. — *Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry* (BAR International Series; 1340). Oxford: Archaeopress, p. 37-54.
- Prudêncio, M. I.; Dias, M. I.; Raposo, J.; Gouveia, M. A.; Fabião, C.; Guerra, A.; Bugalhão, J.; Duarte, A. L.; Sabrosa, A. (2003) — Chemical Characterisation of Amphorae from the Tagus and Sado Estuaries Production Centres (Portugal). In Di Pierro, S.; Serneels, V.; Maggetti, M., eds. — *Ceramic in the Society. Fribourg (Proceedings of the EMAC'01)*. Fribourg: University of Fribourg.
- Ribeiro, J. C. (1994a) — Breve nota acerca do criptopórtico de *Olisipo* e da possível localização do fórum corporativo. In *Encontro de Arqueologia Urbana. Braga, 1994. Bracara Augusta: Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga*. Braga: Câmara Municipal de Braga. XLV: 96 — 110, p. 191-200.
- Ribeiro, J. C. (1994b) — *Felicitas Iulia Olisipo* — Algumas considerações em torno do Catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan. Especial Arqueologia na Região de Lisboa*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 3, p. 75-95.
- Ribeiro, J. C. (1994c) — Criptopórtico. In Santana, F.; Sucena, E., dirs. — *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados/Lisboa 94, p. 321-324.
- Ribeiro, J. C. (2019) — *Escrever Sobre a Margem do Oceanus: Epigrafia e Religio no Santuário do Sol Poente (Província Lusitania) (Sylloge Epigraphica Barcinonensis, Anexos; III)*. Barcelona/Galerada: Universidad de Barcelona.
- Ribeiro, O. (1986) — *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. 4.ª Edição. Lisboa: Sá da Costa.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P. (2017) — Os pavimentos romanos dos antigos Armazéns Sommer (campanha de 2014-2015). In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 106-111.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P.; Rocha, M. (2017) — Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos armazéns Sommer (2014-2015). Três mil anos de história da cidade de Lisboa. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 223-245.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P. (2019) — As mil e uma cidades de Lisboa nos antigos Armazéns Sommer. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 8, p. 156-169. [Consult. 24 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/rossio_estudos_de_lisboa_n8).
- Rocha, A.; Reprezas, J.; Miguez, J.; Inocêncio, J. (2013) — Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1011-1018.
- Ruiz Bueno, M. D. (2018) — *Dinámicas topográficas urbanas en Hispania: El espacio intramuros entre los siglos II y VII d.C.*. Bari: Edipuglia.

- Rykwert, J. (2002) — *The idea of a town: The Anthropology of urban form in Rome, Italy and the Ancient World*. Princeton: Princeton University Press.
- Sabrosa, A. (2006) — O Complexo Mineiro de Vale de Gatos (Corroios Seixal). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 14, p. 53-59.
- Salvado, J. (1965) — Segredos que Lisboa guarda. *Diário de Notícias*. Lisboa. 06-07-1965. 35 683: 101, p. 2 e 15.
- Salvado, J. (1967) — Os romanos tomavam banho onde hoje é a Rua Augusta. *Flama. Diário de Notícias*. Lisboa: 24: 1012, p. 4-5.
- Salvado, S. (1994) — Lisboa. Evolução: período romano. In Santana, F.; Sucena, E., eds. — *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados/Lx94, p. 503-509.
- Sanchez, C.; Jézégou, M.-P., eds. (2016) — *Les ports dans l'espace méditerranéen antique. Narbonne et les systèmes portuaires fluvio-lagunaires* (Revue Archéologique de Narbonnaise; Supplément 44). Montpellier/Lattes: Éditions de l'Association de la Revue Archéologique de Narbonnaise.
- Sánchez-Palencia, J.; Currás, B. X. (2017) — Minería del oro y explotación del territorio en *Lusitania*: estado de la investigación. In Nogales, T., ed. — *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación*. Actas IX Mesa Redonda Internacional de Lusitania (Museo Arqueológico Nacional, 29-30 septiembre 2016). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 393-415.
- Santos, A. B. (2015) — *A Terra Sigillata e a Cerâmica de Cozinha Africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/24534>).
- Sarrazola, A.; Simão, I. (2013) — *Relatório Final dos trabalhos arqueológicos na Rua da Madalena, 54-60 (Lisboa)*. ERA, Arqueologia. Processo S-34959. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- S/ Autor (1937) — Os segredos do sub-solo de Lisboa. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 25 de Julho.
- Sepúlveda, E.; Amaro, C. (2007) — Casa dos Bicos 25 anos depois: marcas de oleiro em *terra sigillata*. *Al-Madan online. Adenda electrónica*. [Em linha]. II Série. 15, p. 45-53. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: [http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm)).
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) — Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores/Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6: 2, p. 401-414.
- Sepúlveda, E.; Vale, A.; Sousa, V.; Santos, V.; Guerreiro, N. (2002) — A cronologia do circo de *Olisipo*: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5: 2, p. 245-275.
- Sequeira, G. M. (1934a) — A excursão ao subsolo da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 24 de Agosto. 18 839, p. 1-2.
- Sequeira, G. M. (1934b) — Hoje às 10 horas inicia se a exploração das Conservas de Água da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 25 de Agosto. 18 840, p. 1 e 3.
- Sequeira, G. M. (1934c) — Os subterrâneos da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 26 de Agosto. 18 841, p. 1 e 7.
- Sequeira, G. M. (1934d) — O subsolo de Lisboa. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 27 de Agosto. 18 842, p. 1-2.
- Sequeira, G. M. (1934e) — Os segredos do subsolo lisboeta. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 28 de Agosto. 18843, p. 1.
- Sequeira, G. M. (1967) — *Depois do terramoto. Subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. IV, p. 304-308.
- Silva, A. V. (1922) — Um tubo de drenagem romano encontrado numa escavação em Lisboa. *O Arqueólogo Português*. 1.ª Série. 25, p. 180-183.
- Silva, A. V. da (1934) — As termas romanas da Rua da Prata em Lisboa. *Anaes das Bibliotecas Museus e Arquivo Histórico Municipais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. IV: 13, p. 19-29 [reeditado em (1996) — *Dispersos de Augusto Vieira da Silva*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. II, p. 309-320].
- Silva, A. V. da (1944) — *Epigrafia de Olisipo: Subsídios para o estudo da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. da (1987) — *A Cerca Moura de Lisboa*. 3.ª Edição. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, H.; Filipe, I. (2013) — *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Escadinhas de São Crispim, 3-3A. Escavação Arqueológica*. Lisboa. Processo S-34675. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Silva, R. B. (1997) — As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de *Olisipo*. *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus, p. 193-205.
- Silva, R. B. (1999) — Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, p. 43-65.
- Silva, R. B. da (2002) — Sepulturas da Calçada do Garcia (Lisboa) e o urbanismo de *Olisipo*. In *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana. Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997*. Almada: Câmara Municipal de Almada, p. 193-205.

Silva, R. B. (2005) — *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. — séc. II d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. [Em linha]. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/1822/8130>).

Silva, R. B. (2011) — *Olisipo*. In Remolà, J.-A.; Acero, J., eds. — *La gestión de los residuos urbanos en Hispania* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LX). Mérida: CSIC/ Instituto de Arqueología de Mérida, p. 203-212.

Silva, R. B. (2012) — *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade Arqueologia. [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10362/9472>).

Silva, R. B. da (2014) — Intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol (Lisboa): as evidências do período romano. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 178-199. [Consult. 18 Mar. 2016]. Disponível em WWW: (URL: <http://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

Silva, R. B. (2018) — La “facies” cerámica de *Olisipo* (Lisboa) en el periodo julio-claudio: una primera aproximación a partir de contextos suburbanos seleccionados. In Ruiz Montes, P.; Peinado Espinosa, M.^a V.; Fernández García, M.^a I., eds. — *Estudios para la configuración de las facies cerámicas altoimperiales en el Sur de la Península Ibérica* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 11). Oxford: Archeopress, p. 3-31.

Silva, R. B.; De Man, A. (2015) — Palácio dos Condes de Penafiel: A significant Late Antique context from Lisbon. In Gonçalves, M.^a J.; Gómez-Martínez, S., coords. — *Actas do X Congresso Internacional “A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo”* (Silves – Mértola, 22 a 27 de outubro 2012). Silves: Câmara Municipal de Silves/ Campo Arqueológico de Mértola, p. 397-402.

Silva, R.; Santos, V. (2017) — As termas romanas às portas de Alfama. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação. Lisboa, 26 – 28 de Novembro de 2015*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 247-253.

Silva, R. B. da; Valongo, A. (2017) — A urbanística do Subúrbio Ocidental de *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa): um contributo da I.A.U. da Rua do Ouro, nº 133-145. *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, p. 116-148. Disponível em WWW: (URL: https://www.cm-vfxira.pt/cmvmfxira/uploads/document/file/1328/CIRA_5.pdf).

Vale, A.; Fernandes, L. (2017) — O Circo Romano de *Olisipo*: exemplos de revestimentos. In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 124-127.

Valongo, A.; Pimenta, J. (2017) — Os achados arqueológicos. In *31 Cordão Lisboa. Um edifício com história*. Lisboa: Eon – Indústrias Criativas, p. 75-117.

Viegas, J. C. G.; Gonzalez, A. G. B. (1994) — Aqueduto romano da Amadora. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 3, p. 29-35.

Viegas, J. C. G.; Gonzalez, A. G. B. (1996) — *O aqueduto romano da Amadora* (Relatórios; 2). Amadora: Gabinete de Arqueologia Urbana da Amadora.

Recursos electrónicos

Amphorae ex Hispania. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica. Disponível em WWW: (URL: <http://amphorae.icac.cat/>)

Apontamentos de Arqueologia e Património. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica, Era Arqueologia. Disponível em WWW: (URL: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos/13-apontamentos-4-2009).

Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/4/4_art4.pdf).

Cahiers du Centre d'Histoire «Espaces et Cultures». Clermont-Ferrand: Université Blaise-Pascal. Disponível em WWW: (URL: <http://siecles.revues.org/777>).

Cira Arqueologia. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

Ramppa — Indústria Conserveira na Antiguidade. Cádiz: Universidad de Cádiz. Disponível em WWW: (URL: <http://ramppa.uca.es/>).

Rossio. Estudos de Lisboa. Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses, Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_4_issuu).

Lista de Autores

ANA CAESSA

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
ana.caessa@cm-lisboa.pt

CARLOS FABIÃO

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
cfabiao@campus.ul.pt

JESÚS ACERO PÉREZ

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
alconetar@hotmail.com

MANUELA LEITÃO

Departamento de Património Cultural/
Câmara Municipal de Lisboa.
manuela.m.leitao@cm-lisboa.pt

NUNO MOTA

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
nuno.miguel.mota@cm-lisboa.pt

NUNO NETO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

PAULO REBELO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

PEDRO VASCO MARTINS

FormaUrbis LAB/CIAUD - Centro
de Investigação em Urbanismo
e Design/Faculdade de Arquitetura
da Universidade de Lisboa.
pedro.v.martins@campus.ul.pt

RICARDO RIBEIRO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

VASCO LEITÃO

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
vasco.leitao@cm-lisboa.pt

VICTOR FILIPE

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
victor.filipe7@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA
Catarina Vaz Pinto

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA
Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA
António Marques

COORDENAÇÃO GERAL
Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO
ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal

de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção-Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas Lda.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark/UNESCO/Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa)/ NaulHotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião. Arruda dos Vinhos| Since 1755.; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade

de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora/ Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas /Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO
Lisboa Romana | *Felicitas Iulia Olisipo*
A Morfologia Urbana

COORDENAÇÃO DO VOLUME
Carlos Fabião - UNIARQ: CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA
Ana Caessa
Carlos Fabião
Jesús Acero Pérez
Manuela Leitão
Nuno Mota
Nuno Neto
Paulo Rebelo
Pedro Vasco Martins
Ricardo Ribeiro
Vasco Leitão
Victor Filipe

REVISÃO DO VOLUME
Carlos Fabião - UNIARQ: CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
Ana Sofia Antunes - CAL/DPC/DMC/CML
Inês Morais Viegas - DPC/DMC/CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML

DESIGN GRÁFICO
José Ribeiro

ISBN
978-989-658-662-1

DATA DE EDIÇÃO
2020

DEPÓSITO LEGAL
463308/19

TIRAGEM
1.500 exemplares

EDIÇÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:
<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM
<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER
twitter.com/LisboaRomana